

# Difícil mesmo foi convencer os economistas

*Equipe frequentou  
analistas e até crises  
existenciais precisaram  
ser contornadas*

CHRISTIANE SAMARCO

**B**RASÍLIA — “Mas presidente, a bomba da piscina lá de casa estragou faz dois meses e eu não tenho dinheiro para consertar”, argumentou o então presidente do Banco Central, Pedro Malán, resistindo ao convite de Fernando Henrique Cardoso para comandar o Ministério da Fazenda. Entre crises existenciais, ofertas de salários milionários na iniciativa privada, queixas das esposas e filhos dos responsáveis pela condução do Plano Real, o presidente passou a fase mais difícil da composição de sua equipe. Fernando Henrique consumiu 15 dias de muita conversa para convencer a equipe econômica de que o sucesso do governo não admitia mudanças no comando do plano de estabilização.

Além do compromisso público de manter os formuladores do real no governo, Fernando Henrique Cardoso estava especialmente preocupado com pesquisas que lhe chegavam às mãos. Seu eleitorado estava “neurótico” com a volta da inflação, reclamava por sinais claros de estabilização da economia, e temia uma guinada. “Fernando Henrique precisava sinalizar segurança para o mercado e para o eleitor”, relata um de seus ministros, que entrou em campo para tentar anular as pressões domésticas sobre os nomes escolhidos.

O presidente só aceitava dois nomes para comandar a economia: Pedro Malan ou o ex-assessor especial Edmar Bacha. Ambos alegavam problemas familiares. Em meio às crises existenciais, os economistas descobriram que todos já haviam passado pelo divã de analistas. Mas nem isso ajudava. A mulher de Bacha decidiu a parada, descartando a mudança do Rio para Brasília. Foi quando Fernando Henrique redobrou a pressão sobre Malan, que repassou a bola para seus futuros subordinados: só aceitaria a Fazenda se toda a equipe ficasse a seu lado.

A história teve um final feliz para o presidente, quando Malan declarou apoio à polêmica escolha de José Serra para fazer a dobradinha no Ministério do Planejamento. Mas o presidente eleito passou a acreditar menos na eficácia da psicanálise. Durante os dias mais tensos da negociação com a equipe econômica, seus assessores mais próxi-

mos ouviram repetidas vezes o desabafo: “Eles são é muito complicados.”

Falta ainda um final feliz para o primeiro escalão do governo. A promessa de salários melhores logo no início do ano vai demorar para ser cumprida. A fórmula encontrada de criar uma categoria especial para aumentar a remuneração dos altos funcionários esbarrou em problemas jurídicos. Em vez da prometida medida provisória, que entraria em vigor hoje mesmo, o aumento será proposto por um projeto de lei, que depende da aprovação do Congresso.